



ODÉON

Maria João Guardão

Fez 86 anos no mês passado e já nem ao nome tem direito. O letreiro a néon foi retirado este Verão e na Sotheby's foi posto à venda um “imóvel com localização privilegiada na zona comercial e turística da cidade, para utilização comercial multidisciplinar”. Nada que deixe adivinhar o “grande cinema” lisboeta, “de ar cosmopolita e destinado, decerto, a grande futuro” que as páginas da revista *Ilustração* saudavam a 21 de Setembro de 1927, quando o Odéon abriu portas com pompa, circunstância e a *Viúva Alegre*, de Eric Von Stroheim. Ligeiras referências ao projecto classicista do construtor Guilherme A. Soares e à fachada de galerias metálicas modernistas com rendilhados e vidro colorido, acrescentadas na década de 30. Nem uma palavra sobre o tecto em pau-do-Brasil ou o camarote suspenso vizinho do que Salazar reservou anos a fio para ver as fitas portuguesas, espanholas e mexicanas do seu agrado. O mesmo nada sobre o frontão *art déco* que encima o telão onde passaram clássicos do mudo e do sonoro, filmes de Lang, de Capra, de Cukor, e o palco onde Lola Flores, Hermínia Silva e Laura Alves receberam ovações. Ou sobre o lustre de néon alemão e o mecanismo que destapava a imensa clarabóia e fazia luz sobre a multidão que acorria à Rua dos Condes. Tanta que quando nos anos 60 estreou *Uma Hora de Amor*, melodrama protagonizado pelo par romântico Madalena Iglésias e António Calvário, a Presidência da República alertou os responsáveis do cinema “para o facto de nunca em Portugal deverem concentrar-se mais pessoas, fosse para que evento fosse, em número superior ao verificado aquando de qualquer presença pública do Chefe de Estado”. Ou seja, os 900 lugares do Odéon faziam tremer o regime. Agora quase ninguém quer saber. Fechou portas em 1993, após um rápido declínio na década de oitenta. O IGESPAR, entidade que devia proteger o nosso património, encerrou o processo de classificação negando protecção legal ao edifício, seguindo aliás o parecer do Conselho Nacional de Cultura. Faltava a Câmara Municipal de Lisboa desligar a máquina de ventilação, confirmando o que agora se pode ler no anúncio da Sotheby's — “aprovação para desenvolvimento de projecto com 3300 m² de construção acima do solo e 3 pisos abaixo do solo para estacionamento, num total de 5025 m². Está apenas prevista a manutenção da fachada”.

Ao contrário do número de beneficiários do complemento solidário para idosos que baixou incrivelmente — eram mais de 700 mil em Junho de 2011, passaram para menos de 587 mil em Julho deste ano, juntamente com os que recebem subsídio de doença ou rendimento social de inserção —, o preço do Odéon foi galgando a escadaria do céu do imobiliário. Em 2001 menos de 1 milhão de euros (200 mil contos) compravam o edifício, agora são necessários 3 milhões e meio. Há petição (“Lisboa precisa do cinema Odéon”) e movimento de cidadãos, mas parece não haver nada que valha o Odéon. Este país não é para velhos. ■